

# O DECÁLOGO DA DESCONSTRUÇÃO\*<sup>1</sup>

Frédéric Vandenberghe\*\*

Começo essa comunicação com uma confissão: após longos anos e horas de trabalho, por através dos finais de semana, eu sou pós-moderno, porém, nos meus escritos, assim como em meu pensamento, eu não o sou. Situando-me, por entre a segunda e a terceira geração da teoria crítica, descrevo-me mais como um “arquéo-modernista”. Vou apresentar uma crítica modernista e materialista do pós-modernismo, ao viés pós-moderno, caracteristicamente lúdico e simultaneamente polêmico, principalmente, no âmbito das ‘conveniências’ acadêmicas.

É sabido que o pós-modernismo é, antes de tudo, um anti-pensamento reativo, que não pode ser trabalhado sem a

---

\* Comunicação apresentada no Projeto Filosofia às Sextas, do Departamento de Filosofia da UFPE, no dia 01/07/05. Texto traduzido do original em língua francesa pelo acadêmico **Tiago Macedo Bezerra Maia**, do curso de graduação em Filosofia da respectiva Universidade supramencionada, sob a orientação do Prof. Dr. **Jesus Vazquez Torres**, também do Departamento de Filosofia da mesma Universidade.

<sup>1</sup> Uma primeira versão desse texto foi elaborada por ocasião de um debate com Michel Maffesoli, convidado de honra da Semana de Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, em setembro de 2004. Ligeiramente modificada, a presente versão foi apresentada no Departamento de Filosofia da UFPE em julho de 2005. Eu agradeço a todos os que participaram deste feito, principal e especialmente, o Prof. Dr. Jesus Vazquez Torres e o Prof. Dr. Washington Martins Silva, pela acolhida e pelo debate, assim como ao acadêmico Tiago Macedo Bezerra Maia, pela excelente tradução.

\*\* Professor-visitante do Departamento de Sociologia (Ciências Sociais), do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

discussão das polêmicas que suscita. Se o pós-modernismo se firma como uma crítica à herança da tradição européia, a crítica do pós-modernismo aparece como uma “Filosofia das Luzes” que empreende um combate contra as trevas. Destarte, *Post Festum*, após a “festa”, o pós-modernismo se desenvolve como um neo-medievalismo do presente. Entendendo que o pós-modernismo do século passado como uma epidemia de gripe - ( *French Flue*), que afetou, sobretudo, os literatos americanos, um pouco de teoria e de filosofia – pode-se, sem dúvida, perceber e valorar os danos e os prejuízos que causou em alguns intelectuais que quiseram escrever a filosofia como se escreve um romance policial. Vinte anos após a grande recusa do meta discurso, da meta-narrativa, portanto, tem-se que o pós-modernismo o fora como que um pensamento restaurador. Com Jürgen Habermas e Pierre Bourdieu, pode-se sonhar e refletir acerca de uma revolução conservadora. Como explicar o retorno no sentido do resgate e da restauração do pensamento antigo que caracteriza a filosofia contemporânea do pós-modernismo:

- no tocante à recusa e à refutação da filosofia hegel-marxista, constate-se o retorno da filosofia política liberal, mas também comunitarista.

Como no século dezoito, fala-se, novamente, da sociedade civil e da representação parlamentar, tanto que os neo-comunitaristas enfatizam a responsabilidade, a confiança e o bom senso cívico. Em seu fim de vida, Claude Lefort reitera Francis Fukuyama, assim como Laclau e Mouffe encontram Karl Schmitt, o maior e mais brilhante filósofo do direito do século passado, com a inconveniência de ser... fascista (não distanciadamente, como Martin

Heidegger, mas, cara e verdadeiramente fascista – um “nazi-filósofo”, justamente como disse Zarka).

- no que se refere à introdução forçada de motivos estéticos na filosofia, verifica-se um retorno à ética. Contra o universalismo moral kantiano, que vale para tudo e para todos (para todas as pessoas), celebra-se a hermenêutica das diferenças que particulariza e personaliza a ética. No campo da ética, portanto, a alteridade ultrapassa as fronteiras da identidade. O outro, meu próximo, é, finalmente, inefavelmente outro, o qual não posso apoderar-me, e, em virtude dessa diferença ontológica, este deve ser reconhecido como igual, na medida em que ele me incumbe de lhe respeitar em sua alteridade absoluta.

- enfim, ironicamente, percebe-se que a crítica dos fundamentos do conhecimento, e a celebração da incerteza conduzem a um retorno do sentimento religioso e da religiosidade. As concepções do “outro” produzem os atrativos messiânicos do “Todo”, “Totalmente” Outro, *das Ganz Andere*, como explana Max Horkheimer. Como consequência da agitação provocada pela problemática transcendente, o pós-modernismo redescobre a transcendência. Da teologia negativa de Jacques Derridas, até a da afirmação de Gianni Vattimo, passando pelo pensamento pagão de Sloterdijk, o pensar converge a Deus. A menos que seja o “Inimigo” como em Maffesoli.

Agora que a “onda” se passou, talvez podendo ser classificada como que um “caso” do passado que busca restaurar esse mesmo passado, e, assim, pode-se tentar definir esse indefinível “pós-modernismo”. Por através de distinções feitas entre as suas diversas correntes, proponho a seguinte hipótese de trabalho: O “pós - ismo” é um movimento anti-filosófico da modernidade tardia, surgido

em meados da década de quarenta do século passado, que introduz a crítica da representação estética contra o realismo da epistemologia por elucidar os fundamentos do legado do pensar. Ao definir onde as pretensões expressivas são incompatíveis com as pretensões da verdade da teoria do conhecimento, não é possível reconcilia-las, mas, pode-se colocar uma frente a outra, tratando, então, a filosofia como um jogo, a arte e a desconstrução em ataque ao suas bases principiológicas fundamentais, seu fundacionalismo, universalismo, racionalismo, idealismo, representacionalismo, humanismo, essencialismo, seu “phallogocentrismo castrador”. O saber, foi, então, desclassificado como uma forma de poder, e, celebremos, a partir de hoje, por diante, a pluralidade de interpretações, irreduzíveis, e, desse modo, a verdade aparece como que num supermercado.

Retrospectivamente, percebe-se que essa ruptura estética com o modernismo filosófico representa, verdadeiramente, um momento de interiorização, e introspecção do modernismo e da filosofia européia – o momento da crítica da crítica dos fundamentos da modernidade ou, melhor, o momento da crise da crise do pensamento modernista que corresponde ao triunfo do capitalismo tardio. Como efeito, pode-se dividir o pensamento moderno em três momentos – o primeiro momento de emergência que se inicia com René Descartes e continua até Immanuel Kant; o segundo momento dos “Três H” (Friedrich Hegel, Edmund Husserl e Martin Heidegger); e, finalmente, o terceiro e último momento de desconstrução das fenomenologias por Theodor Adorno, Jean Lyotard, Emmanuel Levinas e Jacques Derrida – entende-se, assim, que a crítica do metadiscurso (meta-narrativa) de

emancipação coincide com o momento onde a crítica do sistema recuperou o mesmo sistema e onde a filosofia rejeita a arte por tornar-se, como ela, um mercado. Avança-se, portanto, com a hipótese sociológica impetrada por ocasião do crítico literário marxista Fredric Jamenson: O pós-modernismo é, certamente, a lógica cultural do capitalismo tardio. Avançando como uma crítica do capitalismo, constitui-se seu aliado. Nada de mais desconstrutivo que o capitalismo! “Não mais faz pontos, mas linhas” e, assim, passa pela sua sepultura. O capitalismo é Deleuziano: original, flexível, rizomático.

Agora que a tese do pós-modernismo como um acompanhamento do neo-capitalismo avançou como uma hipótese sociológica de trabalho, olhemos esse pensamento mercantil um pouco mais de perto, um pouco mais analiticamente e com menos polêmica. No interior da nebulosidade pós-moderna, procuro distinguir, didaticamente, três constelações discursivas que ocupam sucessivamente a cena intelectual depois dos anos 80, após Jean Lyotard publicar um pequeno ensaio acerca da condição pós-moderna para o governo do Québec. Suas discussões são ligadas às artes e às humanidades, à filosofia e às ciências sociais, que se nomearia pós-modernismo, respectivamente, filosofia pós-moderna e pós-modernidade. Com o que em um jogo de dominó, o pós-modernismo estético abala e agita o pós-modernismo filosófico, que não deixa de repercutir sobre a teoria sociológica da pós-modernidade. Introduzindo motivações estéticas na filosofia, o pós-modernismo artístico reitera, socialmente, sob uma forma mercantil, a estetização do mercado e a culturalização da economia.

### 1) O pós-modernismo nas artes e nas humanidades:

De tanto que se retomou o debate da velha querela dos antigos e dos modernos, o debate do pós-modernismo apareceu no domínio da arquitetura, das artes plásticas e da literatura por tematizar as características da arte contestadora trans-vanguardista dos anos 60 e 70 que buscou ultrapassar “grande divisão” entre a arte burguesa e a arte popular, entre arte da aura e da de uma camelô, para falar como Theodor Adorno. Diferentemente da arte modernista, animada pela teleologia vanguardista do novo, a arte pós-moderna apresenta-se como uma “arqueologia do presente”. A arte pós-modernista anula o tempo e o espaço. O artista pós-moderno reduz tudo a um texto no qual se pode citar, clipar, cortar e colar à vontade, fazendo-o parecer um hipertexto, sem começo, nem fim, sem início, nem final, onde, por exemplo, os elementos mais distanciados e afastados no tempo, encontram-se aproximados no espaço. De modo mais geral, é possível a caracterização da arte, se esta não é o pensamento pós-moderno, tanto que por uma rejeição da distinção (como em Pierre Bourdieu) e uma pesquisa, um estudo acerca da indistinção. Toda distinção, toda oposição, toda categorização binária (presente/passado; erudito/popular; belo/feio; masculino/feminino; homem/animal, etc...) pode e deve ser decomposta e desconstruída, ultrapassada e recomposta como um corte sem costura, como um hipertexto onde tudo pode e tudo deve ser misturado – Por exemplo, um templo grego com high-tech americana, uma citação de Jacques Derrida e a terceira sinfonia de Mahler, remixados em um repetitivo riff eletrônico. O artista pós-moderno é como que um D-jay ou uma D-Jane que, a exemplo da música techno contemporânea, pode mixar todos os fragmentos

imaginários em uma seqüência musical que faz balançar as massas.

Do ponto de vista sociológico, a arte pós-moderna aparece como uma regressão sistêmica. Contrapondo-se a três séculos de arte autônoma, o pós-modernismo busca superar a oposição entre a arte e a vida, abolindo, então, a autonomia da obra de arte. Em virtude da conjuntura na qual está inserida, a arte não mais se opõe à economia, à religião ou à política, mas, ao contrário, se deixa colonizar pelas mesmas. Comparada à arte de vanguarda modernista, a arte pós-moderna se caracteriza por um alto grau de não diferenciação intersistêmica e um mínimo grau de racionalismo do mesmo. Relativamente autônomo, em relação aos outros sistemas, da arte moderna emana suas próprias leis, sem a concessão do público. A teleologia da inovação da arte modernista a conduziu a uma arte pura e purificada, incompreensível pelas massas – Por exemplo, na pintura, verifica-se a cruz negra sobre um fundo branco de Malévitch; na música, os 37 minutos e 40 segundos de silêncio de Stockhausen; na arquitetura, a partir das “máquinas à vida” de Corbusier, da qual Brasília constitui um protótipo. De acordo com Christopher Jencks, pode-se datar e localizar o âmbito do pós-modernismo na arquitetura com precisão: St. Louis, Missouri, 15 de julho de 1972, às 15 horas e 32 minutos. É nesse momento que o projeto Pruitt-Igoe foi dinamitado. Reformulado em termos de brasilidade, o dia em que o governo decidiu realocar-se a capital que era no Rio de Janeiro, o modernismo recebera o seu ultimato e o Brasil positivista transformara-se, enfim, em pós-modernista.

Se a arte moderna é uma arte pura e purificada, a arte pós-moderna é uma arte diluída. Por não ser diferenciada,

não mais enseja as suas próprias leis, mas acomoda-se em seu ambiente e se funda em sua lei, abolindo a distinção entre a arte aurática e a cultura popular. O resultado de uma involução voluntária da história que abole e inverte a seqüência de seu desenvolvimento histórico. Assim, iguala-se Beethoven a Bartok e Bartok a um jingle da Coca-Cola. Não diferenciada, a arte pós-moderna sucumbe à economia e se transforma em um mercado. A arte moderna era igualmente como a pós-moderna, porém, diferentemente da pós-moderna, a moderna era mais alguma coisa que apenas o mercado. Já a arte pós-moderna, por outro lado, não é mais que o mercado na medida em que é tão comum a arte do mercado estético. Com o pós-modernismo, toda a cultura deve transformar-se em mercado. Veja a MTV, ou vá ao Shopping. Colonizada pelo mercado, a cultura transforma-se no próprio mercado, ao mesmo tempo que a economia torna-se cultural. Ela não produz mais que bens, que palavras e signos. Jean Baudrillard bem a analisou, mas devia ter ido um pouco mais além, e apresentado uma análise materialista conseqüente da cultura. Sociólogos, geógrafos e críticos literários como David Harvey, Fradéric Jameson, Michel Freitag, Zygmunt Baumann, Scott Lash e John Urry o fizeram. Suas conclusões foram que o pós-modernismo é a cultura da sociedade pós-industrial e a economia pós-fordista.

## 2) A filosofia pós-moderna:

Assim, foi realizada uma análise da cultura como um texto sob o prisma do marxismo althusséro-gramsciano fortemente semiotizado. As referências, nesse sentido, são os Estudos Culturais de Birmighan, com Stuart Hall como figura de destaque. O pós-modernismo, versão barata e

vulgar do pós-estruturalismo, é uma filosofia de literatos e ensaístas que introduziram a arte na filosofia como o objetivo de fundamentar uma “grande filosofia”. Como que num engano, recorrem três temas infinitamente repetidos e constantemente resgatados.

Primeiro tema: A desconstrução da Razão. A Razão é totalitária. Por unificar o real, ela deve identifica-lo, conceitualizá-lo e simplifica-lo eliminando as suas ambivalências e suas diferenças, tudo o que não é conveniente ao sistema: as emoções, os acontecimentos, as contingências, a pluralidade, a multiplicidade, a irracionalidade, etc...Tudo isso é tido como “o outro” da razão.

Segundo tema: o fim das metanarrativas. Com o desaparecimento da filosofia onto-teo-teleológica da história, que dava um sentido à própria história, têm-se uma gama incoerente de fragmentos narrativos e discursivos que resistem ao senso. Transformada em texto, a realidade inteira transforma-se em um campo discursivo e intertextual de representações e de significações flutuantes, demarcados num referencial extralingüístico.

Terceiro tema: a “morte” do Sujeito. O Sujeito não é nem autônomo, nem soberano, muito menos unificado. Atravessado e transpassado pelas motivações e representações da linguagem, o sujeito se dissolve, se fragmenta e se dispersa por entre uma pluralidade de representações mediáticas (propagandas, folhetins televisivos, propagandas,...) que o interpelam como sujeito. O resultado dessa construção da subjetividade por meio da

representação e de uma multiplicidade de “moi-je”, provoca a não unidade, unificação do mesmo sujeito. Ao penetrar onde o sujeito “se esconde”, a psicanálise muda de sujeito e transforma-se em uma esquizo-análise da pessoa, compreendida, literalmente, como uma máscara, sob a qual qualquer coisa fala, ecoa e ressona.

Destarte, a novíssima crítica da razão, da Razão, da História ou do Sujeito, a crítica pós-moderna coloca tudo o que acontece como uma interação metódica do tema da identidade e da diferença. Com efeito, à luz da fenomenologia, a desconstrução não é uma teoria, mais um método, ou, no máximo, uma série de métodos e técnicas que, de um lado a outro, revela e expõe a não identidade do pensamento e do pensar, se não do pensador. Mas como desconstruir um pensamento ou um pensador? Aí está! Destranscendentalizar, imanenciar, desmaiuscular, pluralizar, processualizar,, diluir, desconstruir, textualizar, contextualizar e relativizar o pensamento.

Destranscendentalize! Faça descer do céu as idéias e mostre que o Ego (Eu) transcendental é uma “díade empírico-transcendental” (Michel Foucault) que, como numa pintura, é sempre comumente considerada como um reflexo da reflexão e da sensação que não pode se representar sem o seu outro.

Imanentize! Elimine as forças transcendentais, as estruturas profundas e os atores invisíveis que tendem a sobreporem-se ao pensamento, à sociedade ou à história e reduza o todo a uma só dimensão e um só plano, o plano da imanência (Gilles Deleuze).

Desmaiuscule! Refute toda filosofia que se escreve com as letras maiúsculas. Deus, História, Sociedade, Sujeito, todas essas “quase pessoas” não são mais que hipóteses do pensamento, dos metasujeitos da ontologia.

Pluralize! Não escreva jamais no singular. Os substantivos devem estar sempre no plural. Não há a verdade, a ciência, a história, a natureza, a cultura, etc... Mas, sim, as verdades, as ciências, as histórias, as naturezas, as culturas, tudo em multiplicidade e pluralidade.

Processualize! Salvo em algumas exceções (como em Louis Althusser) não se concebe um sujeito sem um processo ou fora do mesmo. Modificam-se, assim, todas as entidades envolvidas no processo e as relações performativas que produzem, como em um metalapso, portanto, as entidades como que uma origem presumida de todas as relações. Desse modo, as entidades não pré-existem à relação, mas a relação as constitui como entidades que ligam-se entre si pela relação de intro-ação.

Desconstrua! Construa uma oposição hierárquica, demonstre que a mediação passa por extremos e inverta a hierarquia, formulando, assim, um meio termo (termo médio) que inclua os extremos.

Dilua! Não há uma essência, e sobretudo, no que refere-se ao homem, à essência humana. Como em uma perfumaria, onde as essências dos mais diversos perfumes são diluídas e misturadas. Não oponha a natureza à cultura, a sociedade à técnica, o humano ao animal, a máquina à

coisa, mas procure pelas naturezas-culturas, os complexos maquinários, os homem-lobos e os organismos cibernéticos.

Textualize! Coloque todos os sujeitos e os substantivos entre aspas e os considere, invariavelmente, como que representações (diz Jacques Derridas no interior de seu texto). “Não há nada fora, além do texto”, todo e todo o mundo é concebido na linguagem e representa não mais que uma posição de sujeito no interior da linguagem.

Contextualize! Considere cada texto como um inter-ou hipertexto e coloque o texto dentro de seu contexto local de emergência histórica, lingüística, geográfica, sociológica, étnica, etc...

Relativize! Mostre que todas as idéias e todas as verdades são social e culturalmente construídas e que elas são relativas por relacionarem-se diretamente ao seu contexto.

Em conjunto, esses “Dez Mandamentos” e comandos constituem o decálogo desconstrutivo. Qualquer que seja a injunção da desconstrução, tanto nos métodos quanto nas técnicas de leitura, de interpretação e de escrita, elas todas respondem a um só imperativo anti-categórico: faça a decantação do pensamento! Para decantar-se e deskantianizar-se o pensamento, mostra-se que o autor não faz o que diz e não diz o que faz. A crítica pós-moderna consiste em mostrar que um autor escreve, sempre, a duas mãos, e, portanto, maneiras. Como que na alegoria bíblica, a mão esquerda desconhece o que se faz com a mão direita. Se um autor afirma, por exemplo, a universalidade do

pensamento, a crítica vai se estabelecer a partir de um pensamento bem particular; se este busca fundar seu pensamento universal na razão, a crítica vai mostrar que a razão pressupõe e exclui a loucura e inclui a paixão e a dominação, e, dessa maneira, o pensador não é reconhecido pelo que ele o é – a saber, um pensador-dominador-colonizador-opressor, ou seja, um professor que merece a demissão.

### 3) A pós-modernidade na sociologia:

É bem verdade que as tentativas de desconstruir a sociologia não perderam-se, na medida em que os sociólogos compreenderam rapidamente que a sociologia da pós-modernidade não poderia ser uma sociologia pós-moderna. Assim, há, hoje, sociólogos como Michel Maffesoli, por exemplo, que procura analisar e compreender a sociedade a partir da sócia(bi)lidade e da proximidade e da proximidade da vida cotidiana. Tudo começa na mística e desemboca na política, diz Péguy. Em Maffesoli, a política transforma-se em erotismo e a mística descamba na lama. Mas, paradoxalmente, as tentativas de pós-modernizar a sociologia são incapazes de compreender a pós-modernidade. Tem-se que todo indica que a sociedade moderna está a ponto de conhecer uma transformação estrutural e uma mudança em grande amplitude, o pós-modernismo insiste acerca dos detalhes, do trivial e do local. Conseqüentemente, a visão global das transformações econômicas, geopolíticas, culturais, ecológicas, etc..., não podem escapá-lo. Ao analisar as transformações no modo e nas relações de produção e de consumo de bens, dos serviços e dos conhecimentos que intervêm a partir do último quarto do século vinte, os sociólogos chegam à

conclusão de que a cultura ultrapassou a base e, não mais, apenas, a superestrutura da sociedade. A cultura, o conhecimento, as ciências, são as principais forças de produção. O capitalismo cultural é inovador. Constantemente à procura de novidades e de diferenciações, produz para um mercado cada vez mais especializado e um público cada vez mais diverso, o capitalismo cultural e cognitivo é um capitalismo pós-industrial e pós-fordista. Bem que o capitalismo cognitivo possui afinidades com a pós-modernidade, na proporção em que refuta o recorte pseudo-histórico como uma facilidade do pensamento; diz, erroneamente, que as sociedades estão a entrar na pós-modernidade. A reestruturação do capitalismo e a revolução tecnológica transformam a sociedade, mas não rompem com as instituições da modernidade. A acumulação do capital, a centralização do poder, a desmaterialização da produção e a individualização do consumo constituem uma radicalização da pós-modernidade, não o seu fim. A fim de demarcar a continuidade das instituições da modernidade, sociólogos como Ulrich Beck, Manuel Castells, Alain Touraine, Anthony Giddens e Zygmunt Bauman falam de uma modernidade tardia, segunda modernidade ou baixa modernidade. A analogia com o conceito marxista do *Spätkapitalismus* ou do capitalismo tardio é intencional, através da qual se compreende a ontologia do presente, que não se pode passar sem uma análise do capitalismo. Após Boltanski e Chiapello (“O novo espírito do capitalismo”), volta-se, cada vez mais a uma análise do operariado, como, por exemplo, no caso italiano, verificado por Negri, Virno e Lazaratto. Assim, percebe-se que a falha da crítica social contemporânea vem do fato de que o capitalismo se transformou, incorporou as lições da crítica radical dos anos

sessenta. Revoltando-se e contrapondo-se fortemente ao capitalismo rígido, burocrático e alienante de um pai, seus filhos e suas filhas exigem mais e maior liberdade, criatividade e flexibilidade. Confrontando com a crise dos anos 70, o capitalismo industrial reorganizou-se e flexibilizou-se, passando, então, como Antonio Gramsci tinha previsto, de um modo de produção fordista a um modo de produção pós-fordista. O capitalismo pós-fordista é um capitalismo flexível, desburocratizado, diferenciado, competitivo, organizado de maneira que se desconstrói e reconstrói constantemente em virtude de uma melhor adaptação aos mercados. É um capitalismo que contornou a crítica pós-modernista e que a utilizou como aprendizado e vantagem para se pós-modernizar. Nessa perspectiva, o pós-modernismo não aparece mais como uma crítica da modernidade, mas, sim, como uma crítica selvagem do capitalismo que foi contornada e desviada pelo senso liberal e recuperada pelo capitalismo. É bem por isso que o pós-modernismo deve ser estudado e levado a sério. Esse “sentinela guarda-costas” do pensamento, figura como um excelente laboratório de observação que permite a melhor compreensão das reestruturações do capitalismo global. Mas, para se estudar o capitalismo global, faz a despedida das premissas do pós-modernismo. Os sociólogos bem compreenderam-no. Nos anos 90, deixaram o debate acerca da pós-modernidade e passaram a uma análise da globalização, ou, como se diz na França, da mundialização. Um outro mundo é possível!! Depois do pós-modernismo virá, destarte, o socialismo, não mais em um único país, porém, mundialmente, como verdadeiro cosmopolitismo. E é profetizando sobre essa utopia que desejo terminar a minha comunicação.